

O agronegócio é o seguinte

Agroanalysis 30 anos e o contexto da COP-15

A 15ª Conferência das Partes (COP-15), da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, em Copenhague, na Dinamarca, que tratou o aumento da temperatura do planeta, conseguiu a maior mobilização de líderes globais dos últimos tempos. Daí, a grande expectativa no ar em torno dos resultados a serem obtidos no evento. Foram duas semanas com grandes pronunciamentos, não obstante sempre permanecer a dúvida se os países estabeleceriam ou não metas de cortes nas suas emissões. Não ficava claro quais seriam as fontes de financiamentos para os países em desenvolvimento fazerem as suas adaptações climáticas.

Pelos termos acordados na COP-13, há dois anos, em Bálí, os países em desenvolvimento deveriam adotar medidas mensuráveis, reportáveis e verificáveis (MRVs) para suas ações de combate ao aquecimento global. Em outras palavras, isso significa, basicamente, medir, comunicar e provar que a ação mitigante, como o combate ao desmatamento, por exemplo, no caso brasileiro, ocorreu e evitou a emissão de determinado volume de gases de efeito estufa. Os países emergentes entendem que o procedimento deveria ser adotado apenas no caso de utilizarem recursos financeiros externos para realizar seus compromissos, mas que a MRV não era necessária nas ações domésticas com dinheiro próprio.

O embate entre a China e os Estados Unidos (EUA) travou todo o processo de avanço. Sendo os dois países mais poluidores do mundo, têm um peso considerável nas negociações. Os EUA cobravam transparência total das metas e a China não aceitava monitoramento em nome da segurança nacional. Sem solução, a saída foi preparar a toque de caixa uma declaração no final encontro. Como era de se esperar, diante das muitas posições díspares entre as nações, não houve consenso, e, portanto, o documento, não tem valor legal, de acordo com as regras da ONU.

Ainda é prematuro afirmar que a segunda fase do Protocolo de Quioto, pós-2012, deixará de existir. Porém, o

fato certo é de que o tempo ficou bem mais exíguo. O cronograma traçado no Plano de Bali foi adiado. De qualquer forma, as negociações prosseguirão em 2010. Para alcançar um acordo internacional, e legalmente obrigatório, há que esperar pela COP-16, no México. Até lá, a votação da lei climática no Congresso americano será da maior importância.

Para manter Quioto, com o estabelecimento de novas e mais fortes metas de redução de emissões de gases de efeito estufa, os países industrializados querem os EUA na quadra, com as mesmas regras. Os EUA, por sua vez, querem a China no jogo, que usa os dados das emissões *per capita* dos americanos, quatro vezes superiores às suas. Se o acordo do clima é um esforço para salvar o planeta, a falta de confiança entre os países revela a predisposição de curto prazo dos governos para garantir os seus interesses e economias.

No contexto da COP, salta outro ponto para indagação sobre o fracasso recorrente dos encontros multilaterais promovidos pelas instituições internacionais. A Rodada Doha, da Organização Mundial do Comércio, iniciada em 2001, desde 2004 está completamente travada. A cada dia que passa parece ficar mais difícil encontrar uma solução para resolver seus complexos problemas. Já as metas para eliminação da fome e da pobreza, estabelecidas pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) para a primeira década deste século tornaram-se uma grande frustração: em vez de cair para 850 mil pessoas, a fome aumentou para 1,2 milhão de pessoas. Será que o modelo esgotou-se?

Para terminar, o registro de celebração dos 30 anos de *Agroanalysis*, neste ano de 2010. A revista pode acompanhar uma fase rica de mudança da agricultura brasileira para a eclosão dos complexos agroindustriais. O rol de colaboradores, seja por meio de fornecimento de materiais para a edição como de patrocinadores, é imenso. A todos esses parceiros generosos, o reconhecimento sincero e a gratidão pelo apoio concedido. ■